

GIL, Marie. *Roland Barthes: Au lieu de la vie*. Paris: Flammarion, 2012.

O Aceno Possível: A Leitura de Marie Gil do Texto-Vida de Barthes

Carolina Molinar Bellocchio

Doutoranda do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP; membro do grupo de pesquisa Criação & Crítica. E-mail: carolinamolinar@usp.br.

Na capa da Edição Francesa, lê-se em branco: *Grandes Biographies*. Composto mais um dos volumes publicados por essa linha pela *Flammarion*, o biografado da vez é Roland Barthes. De Chateaubriand a Rimbaud, de Bachelard a Gide, de Haussmann a Hitler (e inúmeros outros), a todos nessa coleção foi ofertada uma escrita da vida, uma tentativa de recompor os traços por traços segundos e um olhar atravessado e de revés, olhar que pretende encontrar uma origem e desenrolar o fio da vida até seu remate. Nesse sentido, a biógrafa de Barthes, Marie Gil, não se furta de querer empreender uma leitura teleológica; encontrar algo do fim que se identifique já na origem, prenhe de desenvolvimento.

Não se pode negar, entretanto, senão a originalidade dessa biografia, ao menos a delicadeza de sua visada: ela reconhece rapidamente na Introdução o descrédito desse gênero, e posiciona-se no sentido de não levar adiante a discussão nos termos que a crítica e que a *doxa* compreendem. Assim ela o faz porque sua proposta de escrita do texto biográfico tem seu ponto de partida nas próprias considerações de Barthes a respeito da relação entre texto e vida. Reconhecendo que o seu desejo de escrever uma biografia de Barthes é exatamente incitado por ele, ela afirma, retomando-o, que a vida não se torna um texto, mas que se constitui como tal: ela é da ordem *do textual* (p.13).

Para adentrar essa discussão é necessário se voltar para as próprias proposições de Barthes a respeito do gênero e que Gil traz oportunamente para seu texto. Inicialmente – 1971 – Barthes pensa o biografema fundado no prazer e como fruto de uma leitura subjetiva ao conciliar as noções da biografia com noções linguísticas, baseando-se em uma noção estruturalista. É em *Sade, Fourier, Loyola* que se encontra a ideia de que o biografema assemelha-se a um trauma: fixando o fluxo de significantes do texto, ele os faz significar. Assim, a eleição subjetiva de uma unidade do texto, o biografema, é produto de uma “teoria da leitura”. Ora, é o leitor-Barthes que empresta um traço à biografia do escritor, ou seja, o desejo de



escrever, produzido na leitura, dá forma à biografia desse escritor. O teor ficcional que constitui o biografema é notável; desde *Michelet* Barthes empreendeu uma espécie de *mise en espace* da representação que mimetiza a unidade de sucessão de momentos dos autores lidos e que se coloca na ordem da criação. É assim que Sade, Fourier e Loyola não são objeto de uma biografia, mas do romanesco e sua leitura e escritura se orientam pelo encantamento que repousa no detalhe anedótico. O encantamento de Barthes por biografias é tal que Gil disponibiliza uma passagem de *Roland Barthes par Roland Barthes* em que se pode às vezes identificar a preferência pela leitura da vida de alguns escritores em detrimento de sua obra, a exemplo de Kafka e Tolstoi. Assim, é o movimento da leitura à escritura que traça Barthes. Sua ideia de vida-texto é justamente a compreensão de que a vida é o texto da obra do autor, como se vê em relação a Proust: sua obra não reflete a sua vida, é, antes, sua vida que é o texto de sua obra.

Essa digressão a respeito da noção de biografema em Barthes há de ser feita porque é a partir da ideia de vida como texto, como foi afirmado anteriormente, que Marie Gil destrinça sua proposição. Como também se afirmou acima, sua empreitada se caracteriza pela originalidade e pela delicadeza. Ora, Gil não quer puramente se apropriar do olhar barthesiano. Dessa maneira, sua leitura e sua proposta pretendem abordar o pensamento do autor de maneira crítica e por isso a necessidade de fugir da paráfrase ou de uma espécie de “aplicação” da leitura de Barthes. Prezando pela ideia de texto em movimento, ideia retomada em Sollers, a argumentação de Marie Gil se constrói através do confronto com a obra de Barthes. A proposta dessa biografia se apresenta da seguinte maneira: “Escrever uma biografia ‘barthesiana’ de Barthes sem o pastiche – sem mesmo sofrer, de sua parte, a menor influência.”. Ora, é a diferença que enceta a possibilidade de significância, seja saussuriana ou, como coloca a autora, uma diferença barthesiana.

A noção de escrever, para Gil, não trata de contar, citar ou comentar, mas de se inscrever ativa e corporalmente no texto, de percorrer um percurso: trabalho itinerante do traço (emprestado de Derrida), produtor e não simples “percorredor” de sua rota. Conforme afirma a autora, “O escritor engaja sua vida na sua escritura”. Recorrendo inveteradamente à paráfrase, isso significa dizer que se pode encontrar traços da vida na própria grafia do escritor. Seria esse percurso, portanto, o escolhido pela autora.

Assim, partindo em busca de um traço estrutural que ela sentia intuitivamente organizar a escrita da vida de Barthes (“eu sabia o que eu procurava: um invariante identificado desde o começo do trabalho”, p.18), Gil encontrou na ideia de texto enquanto unidade o fundamento para se compreender de maneira orgânica a vida do autor. Desse modo, “as grandes partes do texto da vida de Barthes responderiam todas a uma mesma estrutura, repetida”, à semelhança do “funcionamento rizomático de engendramento das unidades do texto pelo texto mesmo” (p.18). Tal estrutura, Marie Gil a denominou “matriz do vazio” (*matrice du vide*) e se articula a partir da ideia de que os fatos como a escritura

se organizariam de acordo com o princípio de preenchimento de uma falta inicial. A metáfora por excelência desse elemento seria a fotografia, pois nela perpassa a noção de passagem do negativo/revelação e constituiria a grande metáfora da vida como texto.

Dessa maneira, Gil identifica duas partes do texto da vida de Barthes. A primeira, caracterizando-se como “matriz do vazio”, contempla a falta que antecede o próprio nascimento de Barthes e se dá a ler até 1977 com o falecimento de sua mãe. Após esse período, identifica-se um tempo-outro, não mais marcado pelo padrão de preenchimento da falta, mas de um tempo em que se encontra a resolução dos dualismos e o advento do Neutro, momento este que vai até o falecimento do autor. Apresentando todos esses operadores de leitura-escrita da vida de Barthes na Introdução, Gil se posiciona a favor da orientação cronológica de seu texto. Segundo ela, a *sua* narrativa da vida-texto de Barthes se compõe linearmente tanto por uma questão estética, pois ela acredita ser belo o fato da linearidade ser o que funda a matéria da existência humana; quanto pelo aspecto simbólico e teleológico que as noções de origem, fechamento, retorno e unidade que o tempo trágico encerra.

Assim, do início ao fim do texto, do início ao fim da vida de Barthes, desvelam-se os nove capítulos em que Gil liga seu traço aos traços escritos-vividos por ele. A organização dos mesmos é homologamente traçada: para o primeiro capítulo, a autora prefere o uso de ‘*Chapitre 0*’, afinal o ‘0’ é exatamente o que encarna a falta que antecede o nascimento de Barthes: sua origem se situa sob o signo da ausência que permanece ao longo dos capítulos (e certamente em sua vida). Na metade do nono capítulo – *Chapitre 8* –, no entanto, a noção de “matriz do vazio” dá lugar à noção de Neutro que vai progressivamente sendo buscada como matéria de vida e de escrita. Ao final, encontra-se um epílogo em que a autora, arrematando seu texto, apresenta uma visão absolutamente barthesiana: deslocando sua leitura, ela aproxima sua abordagem à da do biografado, uma vez que afirma fazer uma leitura *sua* da vida textual. Ao fazer isso, ela realmente faz valer o que havia sido apresentado na Introdução, uma vez que ali ela situou seu texto fora do lugar acadêmico. Afirmando o “direito” de leitura ao mesmo tempo em que o desejo de escrever, ela insere seu olhar pessoal, que acaba por projetar um romanesco Barthes para os leitores de seu texto.

Dando início a essa sua leitura, ainda na Introdução, Gil localiza dois momentos em que houve uma ruptura profunda na invariante da “matriz do vazio”. Maio de 68 e a morte da mãe funcionariam como operadores que provocaram um determinado deslocamento da estrutura e de sua invariante, levando-o a descobrir sua escritura, por meio de um caráter geracional. A escritura nasceria assim da necessidade de complemento do vazio. E Maio de 68 o teria direcionado a centrar essa busca em si mesmo.

Ainda empreendendo essa leitura estrutural e dicotômica da vida de Barthes, Gil aponta um contraponto que marca toda a sua existência, a de Sartre. Operando como um espelho, a imagem deste vai pontuando os passos de seu discípulo, em direção a

um diálogo possível sempre guiado por uma espécie de simetria, mesmo que às vezes às avessas. Desde *O Grau Zero da Escrita* até *A Câmara Clara*, a presença do filósofo, mesmo quando não é explícita, pode ser pressentida.

Após apresentar todos os elementos que concorreram para a fundamentação da leitura do texto-vida de Barthes, Gil passa para o primeiro capítulo, “Os dois lados” (*Les deux côtés*), “*Chapitre 0*”, que funciona assim como o caso branco da teoria estruturalista: funda uma escrita de si (p.33). Duas imagens são emblemáticas: o buraco e o quadro negro são metáforas da matriz do vazio que vem a ser repetidamente preenchidas pelas inúmeras ausências. A ausência do pai, do estatuto social de um “filho da pátria”, do dinheiro, dos estudos devido aos anos de tuberculose, do trabalho no seio das instituições e dos diplomas necessários colocam Barthes exatamente dentro do buraco, signo da exclusão. Sem conceber essa invariante apenas como falta, no entanto, Gil aponta um outro caminho para a sua compreensão. Para ela é justamente essa falta original que possibilita sempre o novo, e o seu retorno, isto é, a diferença, o outro da repetição. É que a ausência sempre impõe uma criação, tome-se o quadro negro apagado, conversão do negativo em positivo. Dessa maneira é que o foco da mãe completa a falta do pai, completa a origem e instaura o foco da significação¹. Pode-se entender essa falta paterna, portanto, como a matriz da escritura justamente porque ela traz uma solução reveladora, à maneira fotográfica mesmo.

“Em direção ao ecletismo” (*Vers l’eclectisme*), *Chapitre 1*, é o capítulo que de fato retoma os anos referentes ao nascimento, à infância e a juventude de Barthes, e versa sobre a liberdade moral fundadora do pensamento do autor. No percurso de 1916 a 1941, ou seja, do primeiro aos 26 anos, a presença do piano e da música – Schumann, sempre – inserem a percepção do corte e do fragmento, assim como a noção de amadorismo que de uma maneira ou de outra se imporá – a partir do olhar do outro ou do próprio olhar de Barthes, sobre si mesmo – como afirmação de sua ‘impureza’. A mudança para Paris, o nascimento (também impuro) do irmão, a leitura de Proust, a descoberta de Mallarmé e Valéry, as leituras dos antigos, um sutil engajamento, a tuberculose, o teatro, Gide e inúmeras outras referências marcam esse período. De acordo com Gil, esse é o tempo de formação da variedade do repertório e dos interesses de Barthes.

A estada no sanatório, durante os anos em que a tuberculose se tornou uma espécie de companhia, é traçada no Capítulo 2, intitulado “A Montanha Mágica” (*La Montagne Magique*), referência à obra de Thomas Mann, é uma espécie de superposição da experiência de Barthes no sanatório e o próprio romance. Tal experiência retoma o episódio do buraco, espaço fechado sob o céu aberto. As montanhas do sanatório de Saint-Hilaire-du-Touvet recuperam o ambiente do poço e o isolam também dos

¹ É neste capítulo também que se delinham as figuras paternas e maternas fundadoras, uma vez que a presença dos avós de ambas as origens marcaram a composição dual de Barthes. Os dois galhos dessa genealogia funcionam como uma espécie de dualismo discursivo, estético e político, instaurando a ideia de pátria e de “mátria”, que se ligam fundando um espaço Neutro, ideal, paradigma esse que se constitui pela constante oscilação no texto-vida de Barthes.

anos da Ocupação. O texto de *Como Viver Junto*, curso oferecido em 1978, já ao final da vida de Barthes, seria um texto palimpsesto dos anos de internação, em que a dimensão social retoma a dualidade geométrica do fechado/aberto e instaura a noção de uma marginalidade ativa, do aprisionamento feliz. Lugar de passagem, o sanatório é, pois, lugar de nascimento duplo: descoberta do neutro e nascimento da escritura.

De 1946 a 1953 é o período (d)escrito por Gil no Capítulo 3, “Dentro da escrita” (“*Entrée en écriture*”), momento em que Barthes começa a tomar consciência da forma literária. A entrada na vida intelectual, por meio do pensamento sartreano e a publicação dos artigos que viriam a compor *O grau zero da escrita* se localizam aí. No entanto, as marcas da exclusão ainda podem ser lidas de quando da vida de Barthes em Bucareste, onde assume um posto no Instituto Francês da capital. As condições políticas da época são de tensão e, embora ligado às convicções marxistas, Gil afirma ser o autor triplamente excluído do regime. Como francês, intelectual e homossexual, Barthes ainda se via marcado pelo signo do buraco.

Os anos que se seguem se caracterizam por um direcionamento crítico em relação aos aspectos sociais. “O momento da crítica social” (“*Le moment de la critique social*”) é título do Capítulo 4, em que os anos de 1953 a 1960 são compreendidos como momento de experiência de sua contemporaneidade: o teatro brechtiano, a compreensão do romance de Robbe-Grillet, a noção de distanciamento e de estranhamento o levam a um posicionamento político-estético que o coloca em suspeita pelos intelectuais franceses. A aproximação das teses nascentes do estruturalismo, por volta de 1956, mergulha Barthes em um campo em que o seu ecletismo é visto por Gil como uma espécie de oportunismo. Apoiando-se em um pensamento que lhe parece interessante, Barthes se apropria de tal, en-formando-o em suas próprias considerações².

O sonho eufórico de cientificidade é lido nos anos de 1960-1967, momento o qual Marie Gil nomeia de “O momento estruturalista”. O projeto que daria forma a esse desejo, no entanto, Barthes não o atinge. Ora, seria por meio da redação de uma tese que o mesmo seria aceito e poderia adentrar o sistema institucional francês. Sua escrita, diz Gil, pode somente render um livro, não uma tese. Assim, o preenchimento do vazio deve ser sempre buscado, um outro texto sempre escrito. O mesmo ocorre com o teatro, espaço em que Barthes pouco retornou após seu desligamento intelectual. Nessa constante busca de preenchimento do vazio, pressente-se o nascimento da paixão pela fotografia. O deslocamento de Barthes é lido, dessa maneira, como uma forma de preenchimento/abandono quando da saturação de tal discurso, a exemplo da linguagem social, marxista, sartriana, estruturalista. Conforme Gil, Barthes passa de um investimento a outro, de uma forma a outra, modo de movência do ecletismo. No

² Essa é uma marca textual e de vida que lhe parece constante, a necessidade de um pensamento-estímulo no qual projeta sua imaginação e que depois tomará uma forma absolutamente nova e encantadora. Com Greimas, Saussure, Hjelmslev, Michelet, Gil afirma Barthes ter assim operado, construindo um pensamento absolutamente pessoal e reconhecível. As fichas, por exemplo, encarnam esse sentido ativo de apropriação e fabricação de uma nova escrita, assim como o fragmentário e o princípio de intertextualidade que ali se identifica.

entanto, o movimento é sempre orientado pelo mesmo desejo da estrutura de variação da matriz do vazio. Revela-se assim a constância de pensamento desde *O grau zero* e a aprendizagem interminável e fica a lição, nas palavras do próprio Barthes: “só há um objeto pelo qual eu nunca *desinvesti* meu desejo: é a linguagem.” (p. 307)

O Capítulo 6, “Eu era um sujeito anacrônico: o salto na escritura”, trata da escrita da vida enquanto passagem, transição: revelação. O texto que dá a ler isso é o *Império dos signos*, pois é nele que Barthes enuncia que o Japão o colocou em situação de escritura: o Japão, enquanto texto, o iluminou com inúmeros clarões. Nesse sentido é que a escritura pode ser compreendida como idioleto pessoal.

Em “Em direção ao romanesco: escrever a vida”, Marie Gil reitera o aspecto dual de Barthes: o administrador organizado e o intelectual, o Barthes dos salões e o Barthes noturno, o pintor e o pianista. Essas relações binárias, no entanto, caminhariam em direção a um intercruzamento que constitui o próprio Neutro, enunciado em seu curso. Outro aspecto da vida-texto que se pode ler, em relação a esse caminho em direção ao Neutro, é a concepção mesma a respeito da revelação do gesto enfático que, diferentemente do gesto heroico e do gesto histérico, redimensionaria esse espaço.

No capítulo final, Revelação (“*Revelation*”), a referência à fotografia é clara e retoma algumas das metáforas apresentadas ao longo do texto, invertendo-as. O quadro negro e o sema da exclusão se esboçam novamente e trazem à cena uma espécie de revelação ao contrário: do positivo ao negativo com a morte da mãe, a entrada na depressão (também neutra: um espaço dramático e um espaço cotidiano). Institui-se assim uma possibilidade de retorno, da vida à morte. A unidade é possível, unidade da vida como texto. Com a ausência da mãe, o processo de complemento do vazio chega ao fim e é preciso encontrar uma nova razão de viver, uma nova escrita. Os manuscritos de *Vita Nova*, romance que Barthes se destinou a escrever, constituiriam esse momento em que o Neutro assume o espaço definitivo do dualismo: nas notas do curso lê-se a oscilação entre o querer viver e a onipresença da morte. Dessa maneira, a escrita do diário é também a escrita da vida.

Pela revelação: assim é que o projeto aventado por Marie Gil dá a ler o texto-vida de Barthes. Ao colocar em jogo uma teoria da leitura pensada pelo próprio autor, ela estrutura sua vida enquanto texto, unidade. E mesmo que essa unidade surja do caráter fragmentário, pelo lapso dos anos, lido nas filigranas e no interstício, engendra-se uma estrutura. Talvez de caráter deformante, como espelho irônico mesmo – como ela afirma a respeito de *O Império dos Signos* –, mas como leitura ativa e pessoal. E lendo-o nos seus textos, pelo olhar enviesado de Gil, ele nos acena.

Contribuição recebida em: 15/08/13.

Contribuição aceita em: 03/10/13.

Referência eletrônica: BELLOCCHIO, Carolina Molinar. O Aceno Possível: A Leitura de Marie Gil do Texto-Vida de Barthes. *Revista Criação & Crítica*, n. 11, p. 120-125, novembro 2013. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em dd mmm aaaa.